



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE FILOSOFIA**

**AROLDO LUÍS FALCÃO ALMEIDA**

**O PODER E O HOMEM EM MAQUIAVEL**

**AROLDO LUÍS FALCÃO ALMEIDA**

**O PODER E O HOMEM EM MAQUIAVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447p Almeida, Aroldo Luis Falcao.  
O poder e o homem em Maquiavel [manuscrito] : / Aroldo Luis Falcao Almeida. - 2017.  
39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Ética. 2. Maquiavel. 3. Política.

21. ed. CDD 170

**AROLDO LUÍS FALCÃO ALMEIDA**

**O PODER E O HOMEM EM MAQUIAVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

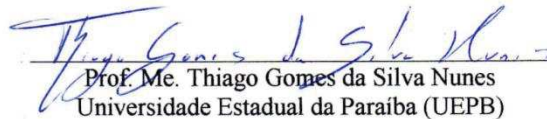
Orientador: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho

Aprovado em: 14/12/2017.

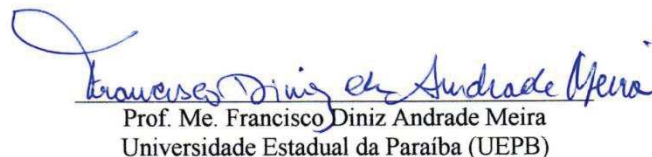
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Thiago Gomes da Silva Nunes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Francisco Diniz Andrade Meira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*O ser humano é um animal político, o homem é necessariamente governante ou governado.*

(*Niccolò di Bernardo dei Machiavelli*)

## **AGRADECIMENTOS**

Foi difícil a caminhada até aqui, chegar até este momento de conclusão de curso me traz a sensação de dever cumprido. A emoção de estar se formando é saber que mais uma etapa na minha vida foi completada com sucesso e que estou pronto para servir à sociedade com o meu melhor.

Agradeço ao professor Dr. José Arlindo de Aguiar Filho por todo seu empenho em me ajudar na elaboração deste trabalho, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela paciência.

Agradeço à minha mãe Terezinha de Jesus Falcão Almeida, a minha Esposa Adeísa Gondim, a minha filha Andresa Falcão, pela força e carinho a mim dedicados ao longo dessa etapa de minha vida assim como pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Agradeço ao meu pai Antônio Pedro de Almeida (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Agradeço aos professores do Curso de Filosofia da UEPB, em especial, José Arlindo Aguiar, Nilton, Valmir, Solange, Diniz, Fernando, que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a todos os funcionários da UEPB, em especial a Dayse e a Kalina pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Agradeço aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio. Em especial: Rostand Pereira, Lismano, Hélio, Rafael e Alexandre.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. MAQUIAVEL E SEU DOMICÍLIO HISTÓRICO.....</b>	<b>11</b>
<b>3. DUALIDADE NO USO DO PODER.....</b>	<b>18</b>
<b>4. SER E PARECER SER.....</b>	<b>24</b>
<b>5. O HOMEM PARA NICOLAU MAQUIAVEL.....</b>	<b>31</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1-</b> Sentenças de Maquiavel referentes ao Ser.....	27
----------------------------------------------------------------	----



## O PODER E O HOMEM EM MAQUIAVEL

Aroldo Luís Falcão Almeida<sup>1</sup>

### RESUMO

Maquiavel, com seu olhar atento aos fatos históricos e à prática com a coisa pública, inicia um estudo do qual obtêm como resultado algo inédito, até então, de modo franco e sem hipocrisias, faz uma análise da prática política tal como ela é, sem fantasias abstratas e idealistas, acerca de como ela deveria ser, pautada na realidade. Maquiavel consegue enxergar através da história aliada a prática que: as ações políticas seguem uma ética própria com mecanismo e regras particulares distintas, flexível e moldada às necessidades do caso concreto da “ética dos governantes”. *O Príncipe* de Maquiavel que foi inicialmente dirigido ao Soberano que traria a autonomia e paz na Península Itálica, pode ser perfeitamente compreendido como um manual que apresenta lições sobre como deve agir e comportar-se este Soberano de *virtù* em uma empreitada com o intuito de unificação da Itália aproveitando a *fortuna* daquele período específico da História. O governante deverá usar todos os meios disponíveis e favoráveis para tal fim. No entanto alguns ensinamentos foram e são mal interpretados ao ponto de gerarem tanta polêmica. Na época, os mais ricos acharam que, *O Príncipe*, era para ensinar, os governantes como tirar deles toda a riqueza, e os mais pobres julgaram, como um documento destinado a orientar os ricos a tirar-lhes a liberdade. Este trabalho não tem a pretensão de discorrer de forma conclusiva sobre o pensamento de Maquiavel, mas de fazer uma breve explanação de conceitos tendo como lastro os capítulos XVII e XVIII do livro *O Príncipe*, como de ensinamentos e aplicação de técnicas que o filósofo italiano aborda sobre como alcançar e manter o poder, além de mostrar a tese do filósofo. É certo, que, até hoje, ele serve tanto de manual de instruções ou livro de cabeceira para aos governantes; como também, permite às camadas populares obterem uma melhor percepção e compressão da dinâmica política.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética. Maquiavel. Política.

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-Mail: aroldofalcao13@gmail.com

## ABSTRACT

Machiavelli, with his attentive attention to historical facts and practice with the public thing, begins a study of which results in something unprecedented, until then, frankly and without hypocrisy, makes an analysis of political practice as it is, without abstract and idealistic fantasies about how it should be, based on reality. Machiavelli can see through the allied history the practice that: political actions follow their own ethics with distinct mechanism and particular rules, flexible and shaped to the needs of the concrete case of the "ethics of rulers." The Prince of Machiavelli, who was originally addressed to the Sovereign who would bring about autonomy and peace in the Italian Peninsula, can be perfectly understood as a manual that presents lessons on how this Sovereign of virtue should act and behave in a work for the purpose of unification of Italy taking advantage of the fortune of that specific period of history. The ruler shall use all available and favorable means for this purpose. However some teachings have been and are misinterpreted to the point of generating so much controversy. At the time, the richest thought that the prince was to teach, rulers how to take away all wealth, and the poorest judged, as a document intended to guide the rich to take their freedom. This work does not pretend to speak conclusively about Machiavelli's thinking, but rather to give a brief explanation of concepts, bearing in mind the seventeenth and seventeenth chapters of the book The Prince, as well as the teachings and application of techniques that the Italian philosopher approaches on how to reach and maintain power, as well as show the philosopher's thesis. It is true that to this day it serves as either an instruction manual or a bedside book for rulers; but also allows the popular strata to gain a better insight and understanding of political dynamics.

**KEY WORDS:** Ethics. Machiavelli. Power. Policy.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma “pesquisa bibliográfica, a qual é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos e revistas”. (GIL, 2008.p. 23). Este trabalho tem como objetivo elaborar uma trajetória histórica filosófica acerca do pensamento de Nicolau Maquiavel com vista a formular e responder alguns questionamentos. Para tanto faremos um recorte histórico e biográfico do período em que Maquiavel viveu os acontecimentos que influenciaram e contribuíram para o surgimento de suas obras mais conhecida, em destaque “*O Príncipe*” este compendio tão polêmico sobre política. Será principalmente deste opúsculo de onde extrairemos algumas ideias para a elaboração de nossas indagações e argumentações.

Este trabalho não intenciona discorrer conclusivamente sobre as ideias de Maquiavel. Temos a intenção sim de abrir um diálogo com Maquiavel e com alguns estudiosos<sup>1</sup>, que se debruçaram na busca de melhor compreende-lo, para que juntos possamos comungar desta mesma compreensão buscando outros entendimentos. Parafraseando o nosso Florentino: A tarde cai, volta-se para casa. Entra-se em seu escritório, e já à porta, despoja-se das roupas de todos os dias, cobertas com o barro do preconceito e a lama do egoísmo, para vestir-se de roupas de corte real ou pontifical; assim honradamente trajando-se entra-se nas antigas cortes dos homens da antiguidade. Aí, acolhendo-se com afabilidade por eles, nutriu-se do alimento que é, por excelência, o seu e para o qual nasceu. Aí, nenhuma vergonha em falar com eles, em interroga-los sobre os motivos de suas ações, e eles, em virtude de sua humanidade, responde-lhe. E durante quatro horas não se sente o menor aborrecimento, esquecem-se todos os seus tormentos, deixa-se de temer a pobreza da ignorância, a própria morte não lhe perturba. E como Dante diz que não há ciência que não se retém o que se compreendeu, anota-se destas conversações com eles o que acredita essencial e compõem um opúsculo, *De Principatibus*, onde aprofunda o quanto pode os problemas que tal tema coloca: o que é soberania, de quantas espécies elas são, como se as adquire, como se as mantém, como se as perde. Trecho da carta ao amigo Francesco Vettori de 10 de dezembro de 1513.

Será dentro desse ambiente de conversação que discorreremos sobre pontos específicos do pensamento de Maquiavel, visando dentro desta perspectiva compreender

---

<sup>1</sup>Como por exemplo, PEREIRA (2000), GUIMARÃES (2013), BARROS (2014).

conceitos propostos por Maquiavel assim como elaborar as problemáticas e tentar tecer argumentos que possam ser satisfatórios aos nossos anseios deixando margem para novas discussões.

O trabalho em questão será apresentado em capítulos e está disposto da seguinte forma:

No primeiro capítulo “*Maquiavel e seu domicílio histórico*” faremos um recorte histórico biográfico para melhor compreender o contexto em que Maquiavel viveu e dentro deste contexto pesquisaremos os motivos que levaram Maquiavel a ser tão mal compreendido em seu tempo até aos dias atuais.

No segundo capítulo trataremos no pensamento de Maquiavel sobre: dualidade no uso do poder e o equilíbrio entre força e lei como instrumento que patrocina a obtenção e manutenção do poder.

No terceiro capítulo, falaremos no pensamento de Maquiavel sobre: “*ser e parecer ser*”. Formularemos uma tabela de sentenças as quais analisaremos as possíveis possibilidades que serão adotadas ou rejeitadas pelo governante dependendo da necessidade.

No último capítulo, “*O homem para Nicolau Maquiavel*”, pesquisaremos sobre o que pensava Maquiavel a cerca da natureza do homem e sua consequência. E por fim tentaremos discorrer qual a análise que Maquiavel faz deste homem e sua natureza e o resultado desta em que pode contribuir para a convivência coletiva. E o que intencionava com esses resultados.

## **2. MAQUIAVEL E SEU DOMICÍLIO HISTÓRICO**

Este capítulo se propõe a discorrer sobre o contexto histórico em que viveu Maquiavel os motivos pelos quais levaram a ser mal visto em sua época e até os dias de hoje. O filósofo italiano era mal compreendido não só pelas massas, mas também por governantes. Este trabalho não tem a pretensão de elucidar o pensamento de Maquiavel. Mas de contribuir de alguma forma na tentativa de desmistificação negativa visando minimizar o estigma preconceituoso cingido e marcado naquele que por encontrar-se muito a frente de seu tempo não teve um reconhecimento merecido por seus contemporâneos.

Mais de dois séculos depois, como o Anti Maquiavel, (1740) de Federico II da Prússia, o Mal parece ter sido consolidado de maneira mais forte ao pensador de Florença: “Ouso tomar a defesa da humanidade contra um mostro que pretende destruí-la e aventurei minhas reflexões sobre essa obra.

A seguir a cada capítulo, a fim que o antídoto logo de encontrasse junto a o veneno.” (GUIMARÃES, 2013, p.21).

Antes de falar do pensamento de qualquer autor se faz necessário conhecer sobre o período histórico a que este pertenceu quais os acontecimentos e movimentos que influenciaram e contribuíram para a construção de suas ideias. Com Maquiavel, não deve ser diferente, não podemos falar deste grande pensador sem antes pesquisar e conhecer sua esfera histórica. Discorrer sobre Maquiavel sem observar este contexto e no mínimo ingênuo para não dizer irresponsável.

Não se pode, sob o risco de incorrer no deslize do amesquinamento interpretativo, descolar o pensador perscrutado da sociedade em que este de insere, pois é certo que o homem não prospera no isolamento, não sendo capaz de sozinho, satisfazer a todas as necessidades impostas pela vida. (BARROS, 2014, p. 13).

Falar de Maquiavel é sempre uma grande responsabilidade, uma vez que, falaram e falamos muito, o senso comum, de nosso filósofo, mas se conhece muito pouco de seu pensamento e esse pouco que se conhece muitas vezes é distorcido do que realmente propõe as ideias de Maquiavel. Como o próprio Maquiavel disse “Os homens, *in universali*, mais julgam pela visão que pelo tato, uma vez que todos podem facilmente ver, somente uns poucos sentir” (MACHIARELLI, 2011 p.88). A leitura descomprometida, superficial e tendenciosa fora do contexto histórico em que viveu o nosso florentino incorreu e incorre ao filósofo em muitas injúrias, difamações e até comparações e ligação com diabo. Atributos os quais lhe renderam um termo negativo associado ao seu nome o maquiavélico ou maquiavelismo.

O mito do maquiavelismo experimentou uma propagação por todo o mundo que surpreenderia o próprio Maquiavel. Na Inglaterra, *O Príncipe* foi traduzido após um século (1640). O seu autor ganhou o infeliz tratamento de “old nick” numa clara ligação com o nome do diabo. (GUIMARÃES, 2013, p.19-20).

Mas o que levou o nosso filósofo a esta demonização e malquerença temporal e pós-temporal? Antes de responder esta indagação faremos uma breve contextualização histórica biográfica deste notável filósofo para melhor poder compreendê-lo, e posteriormente tentaremos responder o problema proposto assim como outros que surgirem no curso deste trabalho.

Nicolau Maquiavel no idioma italiano: Niccolò di Bernardo dei Machiavell, nasceu em 03 de junho de 1469 em Florença, naqueles tempos, uma cidade Estado situada na península Itálica. Filho de um advogado de nome Bernardo e da senhora Bartolomea Nelli, Maquiavel foi o terceiro filho dos quatro do casal, seus irmãos eram: Toto, Primavera e Margherita.

Aos sete anos Maquiavel é iniciado na escola onde estuda o Donatello, um compilado gramatical de Donato, um conceituado autor daquele período. No ano seguinte ingressa na escola de Battista da Poppi. Aos doze anos inicia os estudos com renomado professor de latim Paolo da Ronciglione.

Em 1494 Carlos VIII rei da França invadia a península itálica coagindo Piero de Médici a abandonar Florença. É estabelecida com incentivo de Savonarola uma constituição liberal. Quatro anos depois em 1498 Savonarola é excomungado pelo Papa Alexandre VI, é processado e condenado a morte por enforcamento e seu corpo é queimado.

Os novos conquistadores reestruturam a engrenagem estatal de Florença nomeando novos funcionários. É neste mesmo período em que Maquiavel aos 29 anos de idade começa a galgar seus mais relevantes passos no trato da coisa pública. Candidata-se a secretário da segunda chancelaria e tem seu nome aceito, é empossado neste importante cargo da República, pelo Grande Conselho. Posteriormente assume outra pasta a de secretário dos Dez de Liberdade de Bailia, órgão destinado a tratar de questões de defesa de Estado.

Maquiavel por desempenhar tão bem as suas funções públicas passou a integrar missões diplomáticas fora de Florença. Dentre estas missões podemos destacar a que Maquiavel por um período de cinco meses acompanhou Cesar Bórgia filho de Alexandre VI.

Maquiavel também idealizou e formou uma força militar composta só por habitantes florentinos, sua intenção era de suscitar na população um sentimento nacionalista livrando Florença da dependência de forças militares estrangeiras. Maquiavel atuou no cenário público de Florença pelo período de 14 anos e assim adquiriu notoriedade e experiência nos assuntos políticos que lhe projetou como destacado conselheiro particular de Pier Soderine o Gonfaloniere o homem mais importante daquele governo.

Em 1512 a Santa Liga formada pelas forças espanholas e do Papa ameaçam Florença, a milícia de Maquiavel é contida e os Médici assumem o controle de Florença destituiu Maquiavel de suas atividades e o proibiu de frequentar prédios públicos por um período de um ano. No ano seguinte Maquiavel é acusado de conspirar contra os novos Senhores é preso e torturado. Nada fica provado e Maquiavel é libertado, muito desapontado refugia-se com

sua família em sua propriedade situada em Sant' Andrea-in-Percussina na vila L' Albergaccio.

Agora em situação de pobreza Maquiavel desprovido do salário de suas atividades antigas, cai no ócio produtivo, e neste momento de melancolia e isolamento no seu exílio é que escreve as suas mais importantes obras, tais como: “*Os Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*” sendo esta talvez a mais importante. Escreveu “*O Príncipe*” a sua obra mais conhecida a qual foi dedicada a Lourenço de Médici. Obra esta responsável por projetar Maquiavel para o rol dos pensadores que fizeram história. Também de sua autoria um poema de título “*O Asno*”, “*A Mandrágora*” uma comédia considerada como obra prima do teatro Italiano.

Em 1520 escreve a “*Arte da Guerra*”. Em seguida, A vida de “*Castruccio Castracani*” um tipo de biografia do condittiere Lucano. Neste mesmo ano a pedido do Cardeal Júlio de Médici, Maquiavel escreve a “*História de Florença*”, obra esta, que demorará o tempo de cinco anos para ser concluída.

Em 1527 as tropas de Carlos V assume o controle em Florença e os Médici perdem o poder e mais uma vez Maquiavel cai em infortúnio. No mesmo ano em 22 de junho aos 58 de idade Maquiavel ficou desapontado por não ter realizado o seu sonho de retornar a vida política, morre, vítima de complicação estomacal, pobre, esquecido sem o devido reconhecimento de seus contemporâneos. A história de Florença confunde-se com a biografia de Maquiavel, coincidentemente o nascimento de Maquiavel se dá no mesmo ano em que Lourenço O Magnífico ascende o poder em Florença. E a sua morte no ano em que Roma é saqueada.

De posse do conhecimento desta pequena parte da biografia de Maquiavel, discorreremos sobre o período histórico em que este viveu e posteriormente tentaremos responder a indagação sobre os motivos que levaram Maquiavel a demonização e malquerença e surgimento do termo pejorativo o maquiavelismo.

A responsabilidade para o surgimento desta imagem negativa foi e, é a má interpretação descontextualizada da sua obra mais conhecida “*O Príncipe*”. Onde por meio deste conteúdo dá lições ao governante de como se deve proceder na obtenção e manutenção do Estado.

A partir daí começa os comentários equivocados por parte dos leitores desatentos ou mal-intencionados quando deixam de observarem um detalhe que é: qual Estado Maquiavel se refere?

Tendo, então, considerado todas as coisas acima expostas, e pensando comigo mesmo se hoje na Itália correriam tempos propícios à glória de um novo príncipe, e, ainda, se haveria matéria a ensinar que um homem prudente e virtuoso introduzisse um estilo que o dignificasse e que beneficiasse a coletividade dos homens desse país, pareceu-me que ora concorrem tantas coisas em favor de um príncipe novo que até nem sei que outra época ter-lhe-ia sido mais propícia. (MACHIAVELLI, 2011, p, 125).

Maquiavel depois de apresentar os seus ensinamentos ao príncipe, faz uma reflexão sobre o momento, estratégias e o governante ideal, para que na Itália fosse consolidada a harmonia por meio da unificação da península. Então, fica claro que Maquiavel se refere a sua Itália e em um tempo específico da história.

Diante da dramática situação italiana, Maquiavel não viu outro caminho senão a um governo forte, que reunisse as condições extraordinárias para expulsar os estrangeiros e unificar a Itália sob uma só bandeira. O secretário compreende ser este o momento oportuno de dar forma aquela matéria. (GUIMARÃES, 2013, p.41).

Embora Maquiavel discorra que não se devem ignorar os acontecimentos do passado e do presente, pois estes trazem consigo pistas dos acontecimentos futuros uma vez que a história tende a se repetir num movimento cíclico. Ainda que *O Príncipe* possa nos legar ensinamentos os quais não podemos refutar dada a sua narrativa pertencer a um momento histórico do passado, mas de conteúdo atual os quais podemos tirar lições. Isso não significa dizer que podemos cair na ingenuidade de aplicar as mesmas dosagem de remédios que foram administradas no passado para resolver situações do presente.

Por isto é fácil, para quem estuda com profundidade os acontecimentos pretéritos, prever o que o futuro reserva a cada Estado, propondo os remédios já utilizados pelos antigos ou, caso isto não seja possível, imaginando novos remédios, baseados na semelhança dos acontecimentos. Porém, como estas observações são negligenciadas (ou aqueles que estudam não sabem manifestá-las), disto resulta que as mesmas desordens se renovam em todas as épocas. (MAQHIARELLI, 1994, p.128).

É importante considerar que cada caso é um caso, merecendo ser analisado de forma distinta. A patologia que se apresenta hoje pode ser a do passado porém o paciente é outro exigindo de quem o medique esse olhar diferenciado que lhe possibilite o tratamento adequado em cada caso.

“*O Príncipe*” tinha destinatário certo para um momento específico da história em um local único. Foi dedicado a Lourenço de Médici II, neto de Lourenço o Magnífico, Maquiavel



via neste jovem o governante ideal de *virtù* para conduzir o processo de paz e unificação da península itálica.

Sendo assim, desejando oferecer-me à Vossa Magnificência como algum testemunho de minha submissão a vós, não encontrei nada entre minhas propriedades que eu aprecie tanto ou tenha tanta estima quanto o conhecimento das ações de grandes homens, adquirido por mim por meio de longa experiência como coisas moderna e uma leitura contínua das coisas antigas. Tendo pensado e examinado essas coisas com grande diligência por um longo tempo, e as tendo reduzido agora a um volume pequeno, eu o envio à Vossa Magnificência. (MACHIAVELLI, 1998, p. 29).

A Itália no tempo de Maquiavel não era um Estado único. Era composta de várias Cidades-Estados as quais eram governadas por poderosas casas ou famílias. A península itálica era uma verdadeira colcha de retalhos dividida entre Florença, governada pelos Médici. Veneza, o ducado de Milão, os Estados pontifícios ou territórios da Igreja e o reino de Nápoles. E outras cidades menores que mesmo reconhecidas como independentes aliavam-se aos seus vizinhos maiores de acordo com suas necessidades, como forma de manterem as suas autonomias.

A Itália sofria com a falta de uma legitimidade todos queriam ser dono, mas ninguém era dono de nada. Estes conflitos entre estas cidades Estado enfraqueciam a todos uma vez que a instabilidade política reinava as cidades não queriam abrir mão de seus territórios em prol de uma hegemonia maior, mas não tinham autonomia de mantê-las. Não havia um consenso um acordo duradouro e assim a Itália era alvo constante de invasões não só internas como estrangeiras.

O cenário em que tudo se passa é a cidade de Florença e o conturbado contexto político da Itália quinhentista, carecendo de um Estado unificado, como o francês, vez que dividida em reinos, principados, repúblicas, tiranias. A peça importante do quebra cabeça político italiano era a monarquia de Roma, sede da Igreja, que nem dispunha de força para unificar a Itália, nem se desfazia dos seus territórios para facilitar a operação. (MACHIAVELLI, 2010 p. 21).

A geografia da península era constantemente redesenhada com a pena das armas e a tinta do sangue de seus filhos. Este era o cenário e o Estado em que viveu e se referia Maquiavel.

“*O Príncipe*” é um manual escrito por nosso florentino que devido a sua longa observação estudo e vivência dos mecanismos de governo. Adquiriu larga experiência sobre o funcionamento da política e queria compartilhar com aquele, como já foi dito, que julgava ser o salvador da Pátria rumo à unificação da Itália.

A leitura de “*O Príncipe*” sem esta observação da contextualização específica histórica e territorial em que foi redigido é uma das causas que contribuíram para a condenação e má fama de Maquiavel. Confirmando o que já foi discorrido. “*O Príncipe*” tinha um propósito específico e temporal, foi destinado a Lourenço de Médici II. Manual que o orientaria na intervenção e unificação da Itália que vivia momentos difíceis.

Para ilustrar melhor este momento de crise em que vivia a Itália, no capítulo XXVI e último de “*O Príncipe*”, Maquiavel relata o quanto à Itália sofria com a falta de um governo autônomo e absoluto.

[...] seria preciso que a Itália fosse reduzida às condições em que hoje se acha, quer ela se encontrasse mais escravizada que os hebreus, mais subjugada que os persas, mais dissipada que os atenienses o foram um dia, sem chefe, sem ordem, batida espoliada, dilacerada, invadida e que houvesse de suportar toda sorte de desgraças. (MACHIAVELLI, 2011 p. 125).

Deste modo o deslocamento contextual, a leitura de seus ensinamentos sem o devido olhar para aquele momento histórico em que o filósofo redigiu seus pensamentos foi uma das causas que contribuiu para a sua má fama e conseqüentemente sua associação ao mal.

Outro episódio da história que colaborou de forma negativa a reputação de Maquiavel foi quando a Igreja Católica com a Contra Reforma. O Pontífice Paulo IV incluiu sua obra “*O Príncipe*” no *Index Librorum Proibitorum* (Lista dos livros proibidos pela Igreja) que posteriormente foi confirmada em 1564 com o Concílio de Trento. É neste momento que o termo maquiavelismo surgiu e se propagou até os dias de hoje, passando a ser sinônimo de maldito e até associação ao demônio como já foi dito.

O Clero não aceitava a ideia legada por Maquiavel a qual rezava que a Igreja deveria ser subordinada ao Estado. E que a culpa dos problemas enfrentados pela Itália em seu tempo era responsabilidade da Igreja Católica que não aceitava a ideia de ceder território ou de muito menos da unificação da Itália, e assim inviabilizava toda a ideia e projeto de um Estado único e autônomo.

A má sorte inicia-se com a Contra Reforma, quando ao cisma protestante opõe-se o retorno da à ortodoxia e tenta revitalizar a influência espiritual da Igreja e defender seu poder temporal. A partir daí, a obra de Maquiavel torna-se extremamente vulnerável. Na situação especial da Itália, sede física da Igreja católica, a subordinação do religioso ao político, defendida por ele, não poderia ser tolerada. Três décadas após sua morte, a reação da contra Reforma manda queimar-lhe a efigie e, em 1559, o papa Paulo IV(1476- 1559) o inclui no index dos livros proibidos, decisão confirmada pelo Concílio de Trento em 1564. (MACHIAVELLI, 1998, p.204).

Desta feita podemos por meios do que foi decorrido aqui arriscar responder os questionamentos proposto no capte deste capítulo sobre o que levou o filósofo Maquiavel a herdar esta má fama tão difundida ao longo da história a ponto de ser estigmatizando a toda sorte negativa.

O que podemos observar que as causas encontradas em nossa pesquisa são: primeiramente a falta de uma leitura cuidadosa e aprofundada não só do livro “*O Príncipe*”, mas de todo o contexto histórico em que este foi composto observando e considerando os motivos pertinentes que levou o filósofo a escrevê-lo. A outra causa foi à condenação, de sua obra no index, imposta pela Igreja Católica ratificada no Concílio de Trento em 1559. Estes episódios apontam ter sido os que mais contribuíram para o infortúnio de Maquiavel ecoando até os dias de hoje.

É importante frisar que nossa pesquisa não é conclusiva, pois certos de estarmos diante de um assunto tão complexo acreditamos ser possível que existam outros motivos para a má reputação de Maquiavel, porém foram estas as que dentro de nossa observação simplória nos veio a luz.

Nos próximos capítulos deste trabalho ampliaremos o nosso estudo sobre outros pensamentos de Maquiavel tendo como material de pesquisa alguns capítulos do livro “*O Príncipe*”, onde por meio deste buscaremos obter um melhor entendimento sobre a polêmica que orbita em torno de Maquiavel e seu famoso livro.

### **3. DUALIDADE NO USO DO PODER**

Neste capítulo trataremos da dualidade no uso do poder no pensamento de Maquiavel, um dos pontos que o Florentino ressalta como sendo de grande importância para o príncipe em sua trajetória no comando dos seus subordinados. Analisaremos esse binômio, essa dualidade, no intuito de compreendê-la, almejando encontrar respostas para alguns questionamentos que encontraremos no curso desta leitura.

Maquiavel discorre ensinando, no capítulo XVIII do livro “*O Príncipe*”, que os governantes que mais obtiveram sucesso foram os que menos cumpriram a fê ou a palavra empenhada. E por meio da astúcia souberam enganar os homens com muita maestria e ainda tiveram aprovação da maioria chegando a superar na arte de governar, com suas atitudes pouco louváveis do ponto de vista da moral particular, aqueles governantes que foram moralmente mais fieis aos seus discursos.

[...] a experiência nos faz ver que, nestes nossos tempos, os príncipes que mais se destacaram pouco se preocuparam em honrar as suas palavras; que, além disso, eles souberam, com astúcia, ludibriar a opinião pública; e que, por fim, ainda lograram vantagens sobre aqueles que basearam as suas condutas na lealdade. (MACHIAVELLI, 2011, p, 85).

No momento não enfatizaremos o ponto que trata do príncipe em não cumprir a palavra dada e seus resultados, não por considerarmos menos importante, não é isso! Este tema é importante e será retomado em outras linhas desse capítulo. Primeiramente trataremos aqui de um ponto sutil que pode passar despercebido por algum leitor desatento que é o termo astúcia ou ser astucioso. Mas o que é que Maquiavel quer nos dizer quando fala do príncipe ser astucioso? Com o intuito de responder a essa indagação faremos uma análise e contextualização do pensamento de Maquiavel que trata sobre este assunto abordado no capítulo XVIII do *“Príncipe”*. Continuando o raciocínio, nosso florentino nos alerta que no mundo prático existem duas formas de se conduzir no exercício do poder, a relação dessa dualidade pode ser compreendida da seguinte forma: uma por meio das leis, feitas pelos homens, e a outra através da força que é própria dos animais. O autor acrescenta ainda que em algumas ocasiões as leis por si só não são satisfatórias ou suficientes sendo necessário ao príncipe recorrer ao uso da natureza animal por meio do uso da força para que se faça cumprir as ordens do príncipe ou as regras vigentes.

Assim, devemos saber que existem dois modos de combater: um, com as leis; o outro, com força. O primeiro modo é próprio do homem; o segundo, dos animais. Porém, como o primeiro muitas vezes mostra-se insuficiente, impõe-se o recurso ao segundo. Por conseguinte, a um príncipe é necessário saber valer-se dos seus atributos de animal e de homem. (MACHIAVELLI, 2011, p. 85).

Para tanto é essencial que o príncipe tenha conhecimento e domínio desses seus novos e apreendidos atributos e os coloque em prática conforme as exigências das circunstâncias. O florentino ressalta a importância e consciência destas regras as quais aborda mostrando em sua obra, *“O Príncipe”*, que os príncipes da antiguidade assim como Aquiles entre outros foram entregues ao centauro Quirão para serem educados. Esta alegoria de ter como mentor um ser meio-homem e meio-besta confirma que o príncipe deve saber empregar as duas naturezas. Pois, a natureza humana e a natureza animal se completam como faces da mesma moeda. Assim, Maquiavel nos lega a compreensão deste ensinamento alertando que, ignorar ou negligenciar o caráter de uma dessas duas naturezas trará ruína para quem aspira obtenção ou manutenção do poder.

Esta regra é ministrada aos príncipes de uma forma velada pelos escritores de outrora, cujos textos lemos que Aquiles e que muitos outros daqueles príncipes do mundo antigo teriam sido confiados ao centauro Quirão e sob a sua disciplina educados. Esta condição de ter como preceptor um ser metade animal e metade homem quer tão somente significar que um príncipe deve saber lançar mão de uma e de outra [face da sua] natureza, porquanto uma sem a outra não se fará perene. (MACHIAVELLI, 2011, p.85).

Como foi dito no terceiro parágrafo deste capítulo, que em algumas ocasiões as leis por si só não são capazes de mudar a natureza beligerante do homem. Fazendo-se necessário ao príncipe, depois de esgotados os esforços para que as regras sejam respeitadas, lançar mão de sua natureza animal. O príncipe movido por tal necessidade deverá ativar o gatilho de sua outra metade que trata de seu lado besta ou selvagem. Maquiavel instrui como sendo dois modos que devem ser observados e seguidos pelo governante que ambiciona com sucesso os resultados esperados e para tanto apresenta como exemplo o modelo de natureza da raposa e a do leão.

E, pois que o príncipe precisa saber realmente valer-se da sua natureza animal, convém que tome como modelo a raposa e o leão: posto que a raposa mostra-se indefesa contra os lobos e o leão contra as armadilhas do homem, o príncipe proverá às suas carências com aquela conhecendo as armadilhas do homem e com este espavorindo os lobos. Com efeito, aqueles que agem unicamente como leões revelam a sua inabilidade. (MACHIAVELLI, 2011, p.86).

O governante como medida de todas as coisas caberá a este fazer uma análise comparativa entre os modos operantes e perspicazes da raposa na elaboração de boas leis, assim como os modos operantes do leão quando for necessário o uso da força. E de posse desse entendimento possa ele aplicar de forma eficaz esta dualidade no exercício do poder.

Para um melhor entendimento faremos uma análise pormenorizada na tentativa de explicar a compressão da metáfora dos animais relacionados na fábula da citação acima, quais seus significados suas particularidades como se relacionam qual característica particular entre Lei e raposa. De igual modo qual é característica particular entre Força e leão e suas respectivas importâncias.

A princípio vamos aventurar-nos na análise e compreensão do primeiro animal da alegoria.

A raposa é pequena e frágil diante das ameaças e investida dos lobos, entretanto traz consigo instintos perspicazes que lhe proporcionam excelente desempenho frente às armadilhas e situações adversas tais como se esconder dos predadores ou conseguir alimentos.

Neste ponto tentaremos com base no que já foi exposto fazer um paralelo comparativo entre lei e raposa.

Sabendo que o príncipe dotado de suas destrezas naturais e, acreditando-se, capaz de fazer boas leis as quais serão elaboradas por meio da fusão de sua racionalidade e de sua natureza animal acrescentado a esta última o modelo instintivo da raposa. Ou seja, o homem tomará emprestado da raposa a sua natureza animal a qual imprimirá na lei como forma de torna-la mais eficaz.

A lei é composta da racionalidade do homem e de seu instinto animal homogeneizando-se em uma unidade. Mas o que é que podemos entender sobre isso? Objetivando-se a garantir direitos e estabelecer deveres no intuito de que todos respeitem suas regras a lei segue sua trajetória desempenhando seu papel, porém não raras vezes esse percurso é interrompido com o desrespeito as suas regras por algum ou alguns.

Assim a lei ao trazer impressa a natureza da raposa traz consigo também todas as suas qualidades mas também as suas fragilidades. Esta última pode-se ressaltar a sua vulnerabilidade frente às investidas dos lobos. Os lobos aqui serão compreendidos como sendo toda forma de ameaça doméstica ou estrangeira que coloque em xeque a estabilidade do estado mediante a desobediência a Lei. Assim o não cumprimento da lei por tais ameaças serão observadas e contidas com a intervenção do uso da força.

Portanto a Lei traz consigo o pressuposto que por meio de suas letras ou regras a garantia da boa convivência entre os homens dentro de sua circunscrição. No entanto nem sempre isso é possível, como já foi dito, devido as ameaças que vez por outra assombram a harmonia daquela convivência levando em alguns casos o governante recorrer sempre quando são deflagrados estes focos insurgentes ao corrente e inevitável uso da força.

A “força” acima mencionada é por Maquiavel alegoricamente representa pelo majestoso leão. Animal que, mesmo se apresentando imponente e grandioso não é dotado da capacidade e proeza de livrar-se das armadilhas dos homens. No entanto o leão por reunir em si as qualidades e características naturais supracitadas, na qual destacamos como principal delas a sua força, e é por intermédio desta ser capaz de, com muita eficácia, subjugar os animais menores a sua vontade. É por meio da natureza animal do leão com o uso força que o príncipe torna-se capaz de com grande eficácia subjugar os seus subalternos ou conter as insurgências.

Neste ponto podemos observar no pensamento de Maquiavel que, existe o homem racional o qual elabora as regras de convivência e as leis. Mas que este mesmo homem

também é um animal que traz latente seus instintos naturais animais, o qual é capaz de leva-lo a respeitar ou desrespeitar qualquer regra ou lei em proveito próprio. O homem, esse ser naturalmente híbrido, dualista, que traz consigo esta natureza hora racional sóbria e serena; hora irracional colérica e beligerante é responsável por ser o fiel de sua própria balança, exigindo do príncipe saber fazer a administração e aplicação da lei ou da força conforme as circunstâncias exijam.

Na citação acima Maquiavel usa o exemplo alegórico de natureza da raposa e do leão como modelo adequado pelo qual o príncipe tomara emprestado e utilizara a seu favor de forma equilibrada. Deste modo o soberano usará a astúcia (a qual foi mostrada na primeira citação da p.19.) para se apropriar do modelo de esperteza da raposa com o intuito de elaborar boas leis. De igual modo o príncipe usará o modelo de natureza do leão por meio do uso da força como mecanismo de imposição que garanta o cumprimento das leis ou não tudo isso em conformidade com sua vontade.

Maquiavel não diz diretamente o que é astúcia, mas podemos fazer uma leitura do contexto e compreender nas entrelinhas astúcia como sendo a justa medida (justa aqui não será associada ou entendida como sinônimo de justiça, mas como medida adequada) da aplicação da força como forma de que se faça cumprir a lei ou descumpri-la conforme a necessidade do príncipe.

Esta força emprestada da natureza do leão traz também em si uma dualidade que pode ser entendida como uma impessoalidade que permite servir ou atender tanto as necessidades que exijam o cumprimento da Lei como as necessidades que exijam o descumprimento da Lei. Com base no que já foi escrito o governante toma como exemplo o modelo da raposa e do leão, ou seja, usa a esperteza da raposa para elaborar boas leis. E para fazer cumpri-las ou desrespeita-la deve usar o atributo da força do leão por meios dos instrumentos ou aparelhamentos que dispõe o estado com a finalidade de garantir estas necessidades.

Assim podemos também entender astúcia como sendo a capacidade de fazer a leitura antecipada dos acontecimentos com vista a evitar infortúnios e quando estes surgirem ser capaz de solucioná-los aplicando os remédios e medidas eficazes que estão ao alcance do príncipe. A astúcia também é um item um atributo importante o qual não pode faltar ao homem de *virtù*.

O seu maior interesse se dirige aos principados novos, tão difíceis de serem conquistados e mantidos, necessitando, para tais desígnios, que seus governantes tenham muita habilidade, astúcia e destemor- em síntese, *virtù*. (BARROS, 2014, p.116).

Este homem de *virtù* será tratado no ultimo capítulo desta dissertação (O homem para Nicolau Maquiavel).

Revisaremos agora um tema que foi prometido ser retomado no terceiro parágrafo deste capítulo que trata sobre o príncipe não cumprir a palavra dada. Segundo Maquiavel tal atitude é válida, ou seja, o príncipe não está obrigado a cumprir a palavra quando tal promessa coloque em risco a estabilidade de seu reinado ou quando os acordos não sejam favoráveis aos seus interesses.

Portanto, não pode nem deve um soberano prudente cumprir as suas promessas quando um tal cumprimento ameaça voltar-se contra ele e quando se diluem as próprias razões que o levaram a prometer. . (MAQUIAVEL, 2011, p.86).

Segundo Maquiavel ao príncipe é permitido o cumprir, descumprir ou revogar qualquer acordo ou leis quando estes colocam em xeque a sua segurança, desde que para tanto ele tenha os argumentos convincentes e quando estes não forem satisfatórios ou eficazes saiba ele, o príncipe, recorrer ao necessário uso da força. Para melhor ilustrar este ensinamento Maquiavel cita o exemplo de um contemporâneo seu que pautou sua vida e conduta enganando os homens.

Dos exemplos mais recentes, há um que eu não gostaria de omitir. Alexandre VI jamais fez outra coisa, nem outra coisa jamais pensou que não fosse em iludir os homens, havendo sempre encontrado argumentos que lhe permitisse fazê-lo. Jamais outro homem foi tão veemente ao asseverar os seus propósitos, nem mais pródigo em juramentos que os reafirmassem, nem menos inclinados a cumpri-lo. (MACHIAVELLI, 2011, p.86).

A História esta repleta de exemplos que ilustram bem o que Maquiavel nos diz, inclusive em nossa contemporaneidade poderia ser citada outros tantos. Mas um caso em especial nos chama a atenção merecendo destaque como exemplo a ser mencionado. Foi a História de um Governo que devido ao seu poderio bélico ignorou as determinações da ONU e conseqüentemente aos tratados internacionais que desencadeou na invasão e controle de um País. Estamos nos reportado ao caso da invasão do Iraque patrocinada principalmente pelo Governo Norte Americano. Com o argumento de que o ditador daquele país, Saddam Hussem, supostamente teria em seu poder armas nucleares que poderiam colocar em risco a paz mundial. Defendendo esse argumento o presidente dos estados unidos George W. Bush ordenou a invasão e ocupação daquela nação.

E.U. A e Reino unido invade o Iraque, alegando que o regime de Saddam Hussein estaria produzindo armas de destruição em massa. A ação militar é realizada sem a autorização da ONU, cujos inspetores não encontraram prova da acusação. A resistência iraquiana é facilmente minada, e Bagdá cai em apenas três semanas. Mas,



após a instalação do governo de ocupação, as tropas invasoras tornam-se alvo de violentos atentados. Saddam Hussein é capturado em dezembro. (ALMANAQUE ABRIL, p. 319, 2007.)

Este exemplo reúne bem os apontamentos feitos por Maquiavel o governo Norte Americano parece ter seguido a risca este ensinamento do Florentino. Vejamos, de acordo com a citação o governo Norte Americano vendo-se ameaçado ou visando vantagem usa argumentos para descumprir tratados revogando acordos por meio do uso da força.

George W. Bush se destaca por não cumprir as determinações da ONU. A palavra dada em seguida entende haver dois modos de combater seja por meio da lei ou força e escolhe o que melhor possa lhe trazer resultados no caso aqui suspende a lei e recorre à força com uso de armas.

O governante que por sua vez anseia ou pretende manter o poder, deverá não ignorar a observação deste ensinamento o qual será útil no aparelhamento logístico dos mecanismos institucionais dos quais dispõe o estado, que estando subordinado ao príncipe, lhe auxiliará no cumprimento de seus interesses e obtenção dos seus objetivos os quais terão como meio o uso da Lei auxiliada pelo correto uso da força.

Maquiavel deixa clara a imprescindível importância de saber utilizar sempre que preciso for desta dualidade como forma de obtenção e manutenção do poder. Saber utilizar de forma sábia sua natureza animal recorrendo ora ao atributo da raposa que aqui representa pela lei ora ao atributo do leão representado pela força fará toda diferença entre a inabilidade ou habilidade do governante.

#### **4. SER E PARECER SER**

Este capítulo tratará do antagonismo de Ser e Parecer Ser, o que nos diz Maquiavel sobre este assunto e o que podemos compreender? E qual seria a melhor alternativa ser bom ou parecer bom e por quê? Com vista a responder a estes questionamentos faremos um estudo do pensamento de Nicolau Maquiavel tendo como base o capítulo XVIII do livro O Príncipe.

Maquiavel aconselha ao governante que não é necessariamente importante que possua ou tenha todas as qualidades tais como: piedoso, fiel humano, íntegro e religioso, entretanto é imprescindível que pareça ser ou pareça ter todas.

Considerando que essas cinco qualidades trazem consigo uma particularidade comum que é a prerrogativa de bondade uma vez que o piedoso, fiel, humano, íntegro e religioso implicam conter em si (pelo menos do ponto de vista do senso comum) a característica da

bondade. Partindo deste entendimento faremos um recorte de onde extrairemos o termo “bondade ou bom” comum entre as qualidades supracitadas para tratar adiante.

É importante frisar que a história está repleta de acontecimentos que realçam a importância da arte de representar, parecer ser ou parecer ter, como forma de ilustrar apresentaremos dois exemplos, um no âmbito interno e outro externo.

O primeiro evento foi a da Revolução Constitucionalista de 1932 no Brasil, devido à inferioridade bélica as tropas paulistas, no intuito de amedrontar os adversários getulistas, desenvolveram um artifício no mínimo intrigante, o de usarem matraca com a finalidade de reproduzir som de metralhadoras sugerindo alto poder de fogo, a fim de amedrontar e retardar o avanço dos adversários. Quando na verdade não dispunham de munição suficiente para conter as forças federais.

Tínhamos um curioso aparelho de madeira, fabricado nas oficinas da Rêde Sul Mineira em Cruzeiro, a que chamávamos matraca. Consistia em um suporte, tudo de peroba. Uma lamina de aço batia contra os bicos, quando a estrela era movimentada em volta de um eixo, por manivela, produzindo um som semelhante ao da metralhadora era para “despistar” o inimigo na localização das pesadas. No momento em que o comandante geral da F.P procurou defender-se das graves acusações que lhe fazem os paulista, disse esse oficial que soube, com pasmo que a matraca era usada para fingir munição. É muita ingenuidade até nós, os “pátria-amada”, não ignorávamos tratar-se de um instrumento para “despistar”. (BACCARAT, 1932, p.108).

O outro exemplo que merece destaque se deu na Segunda Grande Guerra Mundial quando as Forças Armadas Norte Americanas que em uma manobra cinematográfica e espetacular iludiram o exercito Nazista de Hitler quando utilizaram utensílios bélicos falsos tais como tanque de guerra e carros de combate infláveis e equipamento sonoro simulando ruídos de soldados e armamentos se deslocando para áreas opostas do verdadeiro alvo confundindo o adversário com manobras fictícias e simulando parecer ter um número muito maior de equipamentos e contingente. Assim os aliados puderam lograr êxito em suas ações assim como poupar vidas como podemos constatar que:

O Primeiro Grupamento foi ativado em Londres em 1943 como parte do planejamento aliado para a invasão da França sob comando do General Omar Bradley. Quando o Décimo Segundo Exército Americano foi ativado em 1º de agosto de 1944, Bradley e sua equipe foram transferidos para o quartel general do novo exército. Devido à falta de pessoal o FUSAG continuou a existir no papel como parte da burla da Operação Quicksilver. Com o objetivo de fazer as forças alemãs acreditarem que a invasão aliada viria de Pas-de-Calais, a força fantasma foi estabelecida em Dover, diretamente oposta ao local através do Canal da Mancha. Para atrair a atenção dos comandantes alemães, o General Dwight D. Eisenhower colocou o General Patton no comando da força fantasma bem como aumentou o tamanho da formação para ser maior do que a força do Vigésimo Primeiro Exército

de Bernard Montgomery. O exército incluía tanques infláveis, aviões de madeira e lona e balsas de desembarque falsas. Trilhas de esteiras de tanque falsas também foram feitas para aumentar os sinais de movimentação das tropas. Aviões da Luftwaffe que faziam reconhecimento não teriam como distinguir os falsos equipamentos de verdadeiros. O engodo funcionou tão bem que mesmo muito depois da invasão da Normandia, as forças alemãs continuaram esperando por pelo menos duas semanas pelo que eles imaginavam ser as verdadeiras forças de invasão. (GlobalSecurity: First US Army Group (em inglês) Coleção 70º Aniversário da Segunda Guerra Mundial, Vol. 19 - ed. Abril, 2010)

Nos casos acima relatados fica evidente a utilização das ideias propostas a quinhentos anos atrás pelo nosso pensador acerca da manobra da arte de parecer ser ou representar.

Maquiavel segue sugerindo ao governante que possui as qualidades supracitadas, aqui compreendidas como “*ser*”, que não faça uso frequente. Visto que a utilização de forma corrente e rotineira destas recairá sobre o príncipe em forma de ruína e prejuízo pessoal. O florentino ressalta que o governante deverá valorizar o termo “*parecer ser*” o qual lhe será mais útil e proporcionará melhores resultados.

Em seguida o autor indica a observação e compreensão do antagonismo entre “*possuir e parecer possuir*”. Que no nosso caso transcrevemos pra os termos “*ser e parecer ser*” com base no que foi descrito nas linhas anteriores.

A um príncipe, portanto, não é necessário que de fato possua todas as sobreditas qualidades; é necessário, porém, e muito, que ele pareça possuí-las. Antes, ousar dizer que, possuindo-as e praticando-as sempre, elas redundam em prejuízo para si, ao passo que simplesmente dando a impressão de possuí-las, as mesmas mostram toda a sua utilidade. Da mesma forma, tu conquanto aparentes ser o que és- piedoso, fiel, humano, íntegro e religioso. (MACHIAVELLI, 2011 p.87.)

Maquiavel ressalta a importância da conduta de “*parecer ser*” que para tanto orienta ao governante que domine a arte da representação. Este artifício é um importante instrumento de poder que o príncipe não deve ignorar. O artifício de “*parecer ser*” deve ser incorporado e posto em prática pelo governante sempre que forem insuficientes as qualidades naturais. Deste modo o governante deve ser simulado e dissimulado sempre que esses predicados forem convenientes aos seus interesses.

Portanto o que podemos compreender a respeito de ser e parecer ser? Na tentativa de responder a esta indagação, recorreremos como norte balizador ao auxílio do já mencionado capítulo XVIII do Príncipe de Maquiavel assim como os tópicos até aqui abordados. Deste

modo, partiremos da elaboração e proposta da análise pormenorizada das seguintes sentenças como demonstra a tabela por nos elaborada que segue a baixo.

**Tabela 1- Sentenças referentes ao Ser e Parecer Ser**

SER BOM	É	MAU
SER MAU	É	BOM
PARECER BOM	É	BOM
PARECER MAU	É	MAU
SER MAU E PARECER BOM	É	MELHOR
SER MAU E PARECER MAU	É	INTERMEDIÁRIO
PARECER BOM E SER BOM	É	INTERMEDIÁRIO
PARECER MAU E SER BOM	É	PIOR

Fonte: Aroldo Luís Falcão Almeida

O que podemos abstrair sobre cada sentença acima mencionada? Analisaremos e correlacionaremos cada uma dessas possibilidades com o objetivo de tentar tecer uma ideia.

Iniciaremos a análise da primeira máxima que consiste na ideia de “*ser bom*”. Considerando que a maioria dos homens não são bons, segundo Maquiavel, uma vez que por vezes apresentam-se falsos, traiçoeiros, ardilosos em suma pérfidos. O governante terá que usar sempre com a mesma proporcionalidade que as circunstâncias exigirem e para isso deverá, não “*ser bom*”.

Se os homens fossem todos bons, bom não seria este preceito; mas, visto que eles são pérfidos e que, em teu favor, tampouco honrariam a sua palavra, então tu não tens de servir-te no dever de, em seu favor, honrar a tua. (MACHIAVELLI, 2011, p. 86).

Deste modo, de acordo com o florentino, podemos compreender que ser bom sempre não é um comportamento seguro para o governante que intenciona ter ou manter o poder, uma vez que tal conduta muitas vezes, é contrária a estabilidade de seu reinado.

De acordo com a tabela, verificaremos a próxima sentença que trata da conduta de “*ser mau*”. Com base no que podemos entender do nosso pensador a atitude de “*ser mau*” pelo governante será correto, necessário e justificável sempre que as circunstâncias forem desfavoráveis ou a situação exigir tal comportamento.

Por isso, será preciso que ele possua uma natural disposição para transmutar-se segundo o exijam os cambiantes ventos da fortuna e das circunstâncias, e, como eu dizia a cima, que, havendo a possibilidade, ele não se aparte do bem, mas que, havendo a necessidade, saiba vale-se do mal. (MACHIAVELLI, 2011, p. 87).

Observa-se neste caso que: ao príncipe não é obrigatório que renuncie a prática de fazer o bem, porém sempre que a situação exigir ele saiba conduzir a aplicabilidade dosada e correta do mal em benefício de seus interesses. Assim sendo podemos extrair a compreensão que nesta situação saber ser mal é bom.

Agora vejamos a composição de “*parecer bom*”, nesta ocasião o autor orienta ao governante que o importante é causar a impressão de parecer bom visto que, a distância que existe entre o governante e o governado favorece que a maioria das pessoas façam julgamentos superficiais, ou seja, joguem pelo o que veem e não pelo o que realmente o governante é.

Nada, alias, se faz mais indispensável do que passar a impressão de possuir esta última qualidade, os homens, *in universal*, mais julgam pela visão que pelo tato\*, uma vez que todos podem facilmente ver; somente uns poucos sentir. Cada qual vê o que parece ser; poucos não ousam contrapor-se a opinião dos muito, que contam, em sua defesa, com a majestade do Estado. (MACHIAVELLI, 2011, p. 88).

Deste modo ao Parecer Bom o governante estará transmitindo para a maioria dos súditos a impressão de um homem de conduta ilibada e incontestável acima de qualquer suspeita. O que lhes permitirá conduzir o seu governo com grande prestígio.

Analisaremos a possibilidade de “*parecer mau*”, o governante deve em suas representações tomar o cuidado de parecer ser bom, como já foi dito na sentença acima, e não mau. Porque ao “*parecer mau*” estará transmitindo uma impressão negativa e desfavorável o que resultará em desconfiança e descrédito junto aos seus súditos.

Deve, portanto, o príncipe tomar todo o cuidado pra que da sua boca não saiam palavras que não estejam perfeitamente coadunadas com as cinco sobreditas qualidades e para parecer, aos que o veem e ouvem de todo misericordioso, sincero, de todo integro humanitário e de todo religioso. (MACHIAVELLI, 2011, p.87).

Com base na citação acima Maquiavel orienta ao governante que tome toda precaução para que tudo que proferir esteja em acordo com as cinco qualidades supracitadas ou pelo menos possa passar tal impressão. Deste modo, o governante ao comporta-se contrariamente a citação acima, ou seja, “*parecer mau*” não terá uma boa vitrine ou propaganda a seu favor indo contra o que se espera de um o governante que almeja estar no poder ou mantê-lo.

Agora analisaremos as possibilidades de conexão entre “*ser mau e parecer bom*”, segundo nossa observação tal atitude é positiva ou a melhor, visto que ao passar a impressão de ser bom o príncipe estará imprimindo segurança e conforto aos seus subordinados envolvendo-os em uma cortina de fumaça impossibilitando que a maioria do povo veja ou desconfie de suas reais intenções. Assim o príncipe terá toda a liberdade para fazer o mal sempre que se fizer necessário ou quando as circunstâncias exigirem. O governante poderá de forma segura realizar seus feitos, pois contará com o apoio da maioria que acredita na sua imagem e representação de governante bom. Não esconder sua real condição não gera benefício.

Observaremos outra combinação que é “*ser mau e parecer mau*”. Com base no que já foi exposto na sentença “*ser mau*” é bom, sempre que as necessidades exige se faz justificável tal atitude. Já na condição de “*parecer mau*” tendo como referencia a sentença “*parecer mau*”, não é bom que o governante pareça ser mau, no entanto no nosso caso ele já é mau, e do ponto de vista lógico parecer mau não fará diferença alguma. Deste modo uma sentença atenua a outra, assim ser mau e parecer ser mau não é bom nem mau podemos dizer que tal axioma se apresenta como algo meio termo ou intermediário. Pois ao “*ser mau*” não esconde a sua real condição consequentemente não gera benefício.

Veremos outra possibilidade que é “*parecer bom e ser bom*”. Obedecendo a mesma regra lógica aplicada no axioma anterior podemos entender que: parecer bom segundo a sentença “*Parecer bom*” é bom, no entanto ser bom de acordo com a sentença “*ser bom*” é mau. Assim podemos compreender que parecer e ser na mesma máxima apresenta-se como sendo um ato nem bom e nem mau, mas sim uma atitude, como na regra anterior, meio termo ou intermediária.

Por último veremos o caso de “*parecer mau e ser bom*”. Esta possibilidade se mostra como uma opção não positiva visto que, parecer mau já foi apresentado no axioma “*parecer mau*” no qual podemos verificar que parecer mau é ruim. Já o ser bom como podemos ver no aforismo “*ser bom*” também não é apresentado como positivo uma vez que, ser bom sempre traz prejuízo ao governante. Portanto a união de parecer mau e ser bom, como podemos analisar e constatar nas linhas anteriores, mostra-se como sendo aquela proposição considerada entre todas até aqui apresentada como sendo a pior delas, pois somam-se os prejuízos da pior forma de ser com a pior forma de parece

Portanto com base no que foi apresentado nas sentenças acima podemos compreender que, Maquiavel valoriza tanto o “*parecer ser*” como o “*ser*”. Em “*O Príncipe*” (1998), o tradutor Pietro Nassitti faz um breve comentário sobre a obra de Maquiavel, Nassitti ressalta que o filósofo não separou o teatro da política, pois para Maquiavel ambos necessitam de técnica lúdica que é preciso parecer ser. E ensina ao príncipe que ele tenha conhecimento deste antagonismo e dele saiba fazer uso adequado utilizando-os como instrumento eficiente que o auxiliará na conquista e exercício do poder.

O príncipe assim como o camaleão saiba transmuda-se se reinventar. Ter em seu figurino várias vestimentas e sempre que a situação exija saiba ele com muita eficiência usar a roupagem adequada para cada ocasião.

E parafraseando Maquiavel, que o príncipe tenha conhecimento e saiba usar deste artifício e ele não se afaste do bem, mas quando necessário saiba vale-se do mal tudo dentro da medida certa e equilibrada.

Não se trata de fazer uso do mal de forma corrente e gratuito. No entanto, Maquiavel além dos ensinamentos já abordados dá outro conselho ao governante alertando-o para que na condução do exercício do poder ele se comporte de tal maneira que possa ser temido por seus subordinados.

E os homens têm menos pudor em ofender alguém que se faça a amar do que alguém que se faça temer, porque o amor é mantido por um vínculo de obrigações mútua, o qual, por serem os homens maus, é rompido nas ocasiões adversas os interesses próprios. Todavia, o temor é mantido pelo medo da punição que não te abandona jamais. (MACHIAVELLI, 2015, p.74.)

Ao conduzir-se desta forma estará garantindo o respeito e obediência de seus súditos através do medo um sentimento que não depende da vontade do outro e sim da imposição do príncipe com promessa de punição aos revoltosos ou desobedientes. Além de representar ser ou parecer ser o príncipe deve lançar mão dessa crueldade fazendo-se temido sempre que

houver a real necessidade. Entretanto Maquiavel alerta que esse temor deve está pautado em um critério que deve ser observado e obedecido, que diz assim:

Deve, no entanto, o príncipe fazer-se temer de modo que, se não conquistar o amor, que fuja do ódio, porque podem muito bem estar juntos o temor e a ausência de ódio, o que alcançará sempre, este que abstenha dos bens dos seus cidadãos e seus súditos e das suas mulheres. (MACHIAVELLI, 2011, p.74-75.)

Maquiavel arremata ensinando que o governante ao aplicar suas medidas enérgicas não exagere deve tomar o cuidado para que tais medidas não ultrapassem os limites do temor, ou seja, não fazer uso da maldade a ponto de gerar em seus súditos o sentimento de ódio e para que isso não aconteça deverá o governante respeitar esta última regra que é renunciar a cobiça nas mulheres e nas propriedades de seus súditos.

## 5. O HOMEM PARA NICOLAU MAQUIAVEL

Neste capítulo abordaremos o tema: O homem para Nicolau Maquiavel, qual seria a verdadeira essência da natureza humana, o homem é bom ou mau?

O quanto esse homem ser bom ou mau o que podemos compreender com essa resposta? Para responder a estas perguntas faremos uma pesquisa do pensamento de Maquiavel que trata deste assunto.

Antes de entrarmos no cerne da questão proposta se faz necessário abordarmos um tema fundamental, do pensamento de Maquiavel, que trata dos conceitos de *fortuna* e *virtù*. A relação entre estas duas ideias é a pedra angular presente no pensamento do autor em sua obra. Esses conceitos tem como compreensão a luta constante entre o homem de atuação frente aos acontecimentos imprevistos que vez por outra assombram e ameaçam a estabilidade no exercício de governar.

A relação entre *fortuna* e *virtù* é o eixo central do pensamento de Maquiavel. São os dois conceitos que permeiam toda a sua obra, simbolizando a luta perene entre o homem de ação e os acontecimentos imponderáveis no orbe político. (BARROS, 2014, p. 52).

Mas o que significa *fortuna* e *virtù* segundo Maquiavel? E o que nosso Florentino nos revela quando fala da *fortuna* e *virtù*?



Primeiramente pesquisaremos sobre o que vem a ser a *fortuna*. É importante frisar que *fortuna* aqui não está relacionada à riqueza material. A fortuna era uma deusa Romana do período Clássico que representava o acaso a sorte ou o revés. A deusa *fortuna* sentia-se atraída pelos homens de ação com *virtù* presenteando-os com o que tinha de melhor, distribuía suas dádivas de acordo com o valor de cada indivíduo, ou seja, favorecendo aqueles que se mostravam probos e corajosos. E penalizando àqueles homens sem atitude e covardes.

A *fortuna* seria, nas especulações dos autores da Antiguidade Clássica e dos contemporâneos de Maquiavel, o acaso, o indeterminado, a boa ou má sorte. Era representada, na Roma Antiga, pela deusa de mesmo nome que, com sua cornucópia, presenteava os homens de *virtù* como seus mais preciosos bens: honra glórias e poder. [...] a deusa fortuna distribuía seus presentes de acordo com os méritos humanos, premiando os audaciosos e punindo os covardes. (BARROS, 2014, p. 52).

Porém Maquiavel criticava o conceito de fortuna que a Igreja adotava, por trazer outra conotação, o clero pregava que os homens sensatos deveriam conformar-se com a sua fortuna ou sorte, pois acreditava tratar ser de ordem divina em outras palavras a fortuna estaria condicionada a vontade dos céus e ao homem nada ele poderia fazer a não ser aceitar as condições imposta pelo divino.

Não ignoro que muitos foram e que tantos ainda são da opinião de que as coisas que sucedem no mundo veem-se de tal forma governadas pela fortuna e por Deus que os homens, com a sua sabedoria, não poderia retificá-las e que nem sequer haveria meio de remediá-las. Baseados nisso, eles depreendem que, para defini-las, menos valeria esforçar-se em demasia que se entregar ao regimento da sorte. (MACHIAVELLI, 2011, p. 120).

Maquiavel sendo um renascentista rompe com a ideia metafísica de fortuna pregada pelo Cristianismo secular, que como podemos compreender na citação acima, sendo a fortuna algo impossível, longe do controle humano. E frente a fortuna Cristã o homem nada poderia fazer a não ser subjuar-se a ela, aceitando-a e crendo como sendo desígnios divino ou algo da vontade de Deus.

Meditando-o, eu mesmo, algumas vezes, senti-me parcialmente inclinado a aceitar esse juízo. No entanto, visto que não é nulo o nosso livre arbítrio, creio poder ser verdadeira a arbitragem da fortuna sobre a metade das nossas ações, mas que *etiam* ela tenha-nos deixado o governo da outra metade, ou cerca disso. (MACHIAVELLI, 2011, p. 120).

Ao renunciar a proposta metafísica adotada pela igreja Maquiavel resgata a ideia de fortuna dos Antigos Romanos onde obtém subsídios para elaborar um novo entendimento. Maquiavel afirma que sim a fortuna gere as nossas ações, porém não a totalidade, ao homem é facultado o controle de uma parte considerável sobre as ações. Como podemos conferir na citação a cima.

Maquiavel para explicar melhor faz uma analogia comparando a fortuna a um rio desgovernado que traga tudo que estiver em seu curso transbordado às margens. Diante de uma situação desta realmente o homem nada pode fazer. Neste ponto parece nosso autor concordar com aquela sorte difundida pela igreja. A não ser por um detalhe, Maquiavel nos diz que ao passar a enxurrada voltando o rio ao seu período de calmaria nada impede que o homem se previna criando alternativas que contenham ou minimize os danos que este rio possa causar no futuro. De igual modo, comporta-se a força da fortuna tragando os homens desprevenidos que não são capazes de prever e se preparar antecipando-se ao fator surpresa, ou seja, o homem desprovido de *virtù*.

Eu a comparo a um destes rios torrentosos que, em sua fúria, inundam os plainos, assolam as árvores e as construções, arrastam porções, do terreno de uma ribeira à outra: todos, então, fogem ao seu irromper, nenhum homem resiste ao seu ímpeto, cada qual incapaz de opor-lhe um único obstáculo. E, em que pese a assim serem [esses rios], aos homens não é veada, em tempos de calmaria, a possibilidade de obrar preventivamente diques e barragens, de sorte que, em advindo uma nova cheia, as suas águas escoem por um canal ou que o seu ímpeto não seja nem tão incontrolável, nem tão avassalador. De um modo análogo intervém a fortuna, a qual manifesta o seu poder onde não há forças (*virtù*) organizadas que lhe resistam; ela que volve o seu furor aos locais onde sabe que não foram construídos nem diques nem barragens para refreá-la. (MACHIAVELLI, 2011, p. 120- 121).

Com base no que foi abordado nas linhas anteriores podemos arriscar a responder a indagação sobre o significado de fortuna deste modo podemos concluir que a fortuna consiste no conhecimento de que os acontecimentos sejam quais foram, adversos ou favoráveis, sorte ou azar, uma vez que como já foi falado a deusa fortuna Clássica, oferta ao homem aquilo que ele merece. Portanto um evento pode ser bom e o governante não saber aproveitar a oportunidade ou o evento pode ser ruim e o governante não ser capaz de solucionar o problema. A Fortuna é um conjunto de ordem natural, um sinistro, ou de ordem política uma traição os quais fogem da vontade do príncipe.

Em ambos os casos o que fará a diferença é a capacidade de resposta e resolutividade que o príncipe dará a cada situação a excelência exigida em cada momento particular que o príncipe aplicará por meio do poder da sua *virtù*.

Agora nos deparamos como outra pergunta. Mas o que é *virtù* afinal? Considerando que *virtù* “representa o princípio ativo, que galvaniza a energia humana” (CAPORALE, in Maquiavel, 2011, p.131), ou seja, ela esta associada ao valor à perspicácia capacidade de prevê calcular e solucionar problemas gerados pela fortuna. Os eventos sejam adversos ou favoráveis poderão surgir a qualquer momento sem aviso prévio, mas o homem de *virtù* mesmo sendo surpreendido não será totalmente tomado de assalto, pois sempre terá ou encontrará uma saída plausível.

Virtude ou *virtù*, no italiano de Maquiavel, provém de *vir que*, em latim, significa homem. Assim, para o secretário florentino, *virtù* vincula-se a valor, capacidade, determinação, energia, engenhosidade e proeza. (BARROS, 2014, p. 52).

De posse da compreensão dos conceitos de *virtù* e fortuna associada ao rompimento como as ideias metafísicas cristãs Maquiavel propõe uma forma diferente de interpretar a natureza do homem e passa a observa-lo por um viés antropocêntrico onde este homem agora senhor de suas ações roteirista de sua própria história não cabendo mais aqui a culpabilidade de sua condição ao divino. As ações do homem agora demandam atitudes práticas para problemas reais uma relação com o realismo político como a coisa é a verdade efetiva das coisas o verdadeiro embate nu e cru diante dos acontecimentos reais onde prevalece a esperteza a astucia atitudes reais para solucionar problemas reais.

Diante desta realidade o homem deve apresentar uma personalidade, e qual seria essa personalidade ideal? Esta já foi respondida, que é o homem de capacidade ou o homem de *virtù* este sim e o homem ideal para lidar com as coisas como elas realmente são.

E agora nos deparamos com a dúvida abordada anteriormente, qual seria a natureza deste homem de *virtù* é boa ou má. Esta e aquela pergunta proposta no primeiro parágrafo deste capítulo, o que seria o homem para Maquiavel qual a sua real natureza. O homem é bom ou mau? E diante dessa resposta o que podemos compreender de positivo ou de bom com esta?

Na condução de tentar esclarecer estas perguntas recorreremos ao nosso florentino que devido ao seu dedicado estudo dos clássicos da antiguidade através dos quais obteve extenso conhecimento teórico histórico que agregado a sua experiência prática sobre a coisa pública, uma vez que foi chefe da segunda chancelaria por quatorze anos, os quais lhes rendeu conhecimento mais do que suficiente permitindo uma observação e julgamento de como o homem essencialmente comporta-se.

[...] é um autor intuitivo, cujas ideias refletem suas experiências durante os quatorze anos em que foi chefe da Segunda Chancelaria, além de terem por lastro intelectual a contínua leitura dos historiadores greco-romanos. (BARROS, 2014, p. 31).

No curso dessa trajetória como homem público adquiriu ao observar o homem à habilidade, qualificação e sapiência suficiente para discorrer sobre este assunto onde por meio deste tentaremos responder as questões acima propostas.

Podemos constatar que em suas obras Maquiavel reporta-se ao homem com um olhar pessimista o nosso secretário não vê a natureza do homem como sendo algo positivo, o homem é para o nosso filósofo um ser perverso perigoso traiçoeiro e que não hesitara em ser controverso em suas ações ao ponto de fazer o mau sem nenhum constrangimento quando assim ache conveniente.

É necessário que quem estabelece a forma de um Estado, e promulga suas leis, parta do princípio de que todos os homens são maus, estando dispostos a agir com perversidade sempre que haja ocasião. Se esta malvadez se oculta durante um certo tempo, isso se deve alguma causa desconhecida, que a experiência ainda não desvelou; mas o tempo – conhecido justamente como o pai da verdade – vai manifesta-la. (MACHIAVELLI, 1994, p.29.)

Enfatizando ainda mais o seu pessimismo em relação ao homem Maquiavel continua descrevendo a natureza do homem e orienta ao príncipe que os homens não são dignos de confiança. Uma vez que não tendo mais seus interesses particulares supridos o homem volta-se contra o governante, revelando uma das suas características a ingratidão.

Dos homens, em realidade, pode-se dizer genericamente que eles são ingratos, volúveis, fementidos e dissimulados, fingidos quando há perigo, e cobiçosos. Enquanto ages em seu benefício, e contanto que a tua necessidade esteja ao longe (como eu acima dizia), todos estão ao teu lado e oferecem-te o seu sangue, os seus bens, as suas vidas e os seus filhos. Ao avizinhar-se, porém essa necessidade, eles esquivam-se Um príncipe que se fie inteiramente na palavra desses homens, sem prover-se de quaisquer outras garantias, sucumbirá. (MACHIAVELLI, 2011, p. 81)

Maquiavel segue seu olhar crítico referente ao homem e o traduz como sendo este um ser de natureza instável e controverso em seu comportamento e conduta moral que quando confrontado com quaisquer adversidades se mostra como realmente é. Que é não ser bom. O nosso florentino ao discorrer sobre o príncipe cumprir ou não a sua promessa ele mais uma vez é contundente ao falar da natureza má do homem.

Portanto, não pode nem deve um soberano prudente cumprir as suas promessas quando um tal cumprimento ameaça voltar-se contra ele e quando se diluem as próprias razões que o levaram a prometer. Se os homens fossem todos bons, bom não seria esse preceito, mas visto que eles são pérfidos e que, em teu favor, tampouco honrariam a sua palavra, então tu não tens de servir-te no dever de, em seu favor, honrar a tua. (MACHIAVELLI, 2011, p. 86).

O Florentino nesta citação discorre alertando claramente que os homens não foram e não são bons e acrescenta revelando qual é a natureza do homem. O autor retrata o homem um ser duvidoso que quando se encontra diante de uma situação de eminente risco na qual seus interesses são ameaçados é capaz de ser todo contrário a lealdade, leis e regra moral infringindo-as sem nenhum pudor.

Assim quando ele afirma que os homens são pérfidos só reafirma aquilo que previamente já se desconfiava que os homens não são bons. Maquiavel faz uma leitura do homem sendo um ser que traz em sua bagagem natural um caráter impresso os seguintes adjetivos: mentiroso, desleal, falso e traiçoeiro. Maquiavel descortina nas entrelinhas como sento este o comportamento próprio do homem, algo que faz parte de sua essência natural.

Deste modo podemos arrematar como base no que já foi debruçado e exposto segundo Maquiavel sobre a natureza do homem, se é boa ou má, e a nosso entendimento é que: seja o homem de *virtù* ou o homem desprovido de *virtú*, o homem foi, é e será de natureza má.

De posse deste entendimento sabendo que o homem é mau, nos vem a luz outra pergunta sendo o homem um ser mau por natureza estaria tudo perdido não restando mais nada e estaria este condenado a sucumbir em sua própria maldade? Ou seria possível ao homem uma saída para esta alto-destruição e qual seria a saída? Arriscamos responde estas perguntas com base no que já foi abordado, acreditamos que: ao homem sem *virtù* este estaria condenado ao caos, mas Maquiavel mostra-nos uma saída que é por meio do homem de *virtù* este sim está habilitado e capacitado para contornar esta situação aparentemente caótica aos olhos do homem comum. Ariscamos aqui responder as indagações: o homem não estaria condenado a sucumbir devido a sua maldade, pois seria o homem de *virtù* o responsável por encontrar a solução para este problema. Mas como faria o homem de *virtù*, qual seria a sua solução?

Esta maldade humana esta natureza beligerante e conturbada é responsável por um evento intrigante e por vezes até contraditório. Este movimento negativo que o homem traz consigo é capaz de produzir um fenômeno positivo digno de apreciação. Como assim? Como um ato negativo pode gerar alguma coisa de boa? Sim, este caráter negativo próprio do

homem é a mola propulsora usada pelo homem de *virtù* para elaboração e surgimento de mecanismos que o possibilite viverem em sociedade.

As brigas em torno de seus interesses particulares são responsáveis pelo surgimento de instituições e leis que garante a boa convivência de todos de forma equilibrada até que esse equilíbrio seja violado suscitando na necessidade de elaboração de novos mecanismos e leis que volte a garantir aquela estabilidade quebrada. E tudo isso se dá num movimento cíclico e ininterrupto.

Entretanto, malgrado toda essa degradação da alma humana apresentada por Maquiavel, convém ressaltar que, paradoxalmente, o nosso segundo chanceler, ostenta, em vários trechos de seus escritos, uma profunda crença na edificação de uma sociedade virtuosa. Isto é, apesar de toda a ambição, os homens são capazes de construir boas instituições. . (BARROS, 2014, p. 43).

Assim sendo o homem de *virtù* porem de natureza má vai buscar através de seus conflitos de interesses particulares alternativas de convivência pacífica de ordem coletiva. É estabelecendo convênios e acordos que os homens mesmo sendo maus são capazes de criar boas instituições e leis as quais garantirão a sua sobrevivência.

Deste modo podemos compreender que segundo Maquiavel o homem é mau. E assim como Maquiavel cita Moises um personagem bíblico, arriscaremos também citar uma passagem bíblica onde o próprio Deus enfatiza essa característica má do homem e devido a isso arrependeu-se de ter criado o homem e decreta a destruição de sua obra prima.

E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente. Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e pensou em seu coração. E disse o Senhor: Destruirei de sobre a face da terra, o homem que criei, desde o homem até o animal, até o réptil, e até a ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito. Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor. (GÊNESIS 6-5, 6,7, 2006).

No entanto Deus vê em Noé um homem, que na leitura de Maquiavel seria o homem de *virtù*, aquele que salvaria a humanidade da destruição. É importante que fique claro que não queremos causar qualquer controvérsia. Não é nosso intuito de fazer comparações entre Deus e Maquiavel. O nossa intenção é de ao citarmos a trecho bíblica poder ilustrar melhor a ideias proposta por Maquiavel. Deste modo mesmo o homem sendo mau mesmo Deus arrependendo-se de tê-lo criado consegue enxergar no homem essa capacidade de superação, a qual Maquiavel vai chamar de *virtù*, ao ser mau o homem é capaz de transformar essa maldade em matéria prima capaz de produzir boas instituições.

Assim sendo como foi frisado no primeiro capítulo deste trabalho Maquiavel viveu em um período muito conturbado na península itálica e assim como Deus viu em Noé o salvador da humanidade Maquiavel vê em Lourenço II o salvador da Itália aquele que vai unificar e inaugurar um Estado sólido.

Para tanto Maquiavel redige O Príncipe como um manual que servirá como uma bússola que norteará o novo governante em direção à criação e manutenção de um Estado unificado na itálica. Este governante não deverá hesitar em usar os meios necessários para obter este objetivo. Objetivos estes que não são as suas causas próprias e sim as necessidades que se exige do príncipe para que ele instaure e mantenha um Estado que possa garantir a liberdade e um convívio harmonioso que beneficie a todos ou pelos menos ao maior número possível de pessoas.

Finalmente destacamos o pensamento de Maquiavel, a defesa de um novo príncipe, um monarca essencialmente moderno, comprometido não apenas com um dos estamentos ou classes feudais, mas, sim, como a independência nacional, a segurança e o bem-estar de todas as classes, estamentos e corporações que compõem a sociedade moderna em gestação. Ou seja, de um príncipe que estabeleça regras jurídicas gerais, ouça todos os segmentos sociais, respeite a propriedade e as mulheres de seus súditos. Em outras palavras, de um príncipe que se confunda como o Estado e que passe aos súditos a ideia de que representa os interesses gerais e não os interesses de apenas algumas classes ou estamentos sociais. (PEREIRA, 2000 p.255).

Por fim, o pensamento de Maquiavel não prevê o uso da máquina administrativa em proveito próprio, o nosso florentino em momento algum não se beneficiou dos cargos públicos para fins particulares em nenhum momento foi oportunista dentro de suas funções públicas. Podemos constatar isto por meio de uma carta destinada ao amigo Francesco Vettori onde confinado em seu exílio no dia 10 de dezembro de 1513 redige:

Minha lealdade deveria estar ao abrigo de suspeita; eu sempre respeitei a fidelidade e não vou aprender agora a faltar-lhe; um homem que serviu fielmente durante quarenta e três anos – idade que eu tenho – não deve poder mudar sua natureza. Minha pobreza, aliás, é testemunho disso. (MACHIAVELLI, 1998, p.164)

O conteúdo da carta confirma a conduta honesta de Maquiavel que durante o tempo que atuou como servidor público não fez uso do prestígio que detinha em causa ou proveito próprio. O mal o qual Maquiavel refere-se não se coaduna com a corrupção ou rapinagem conduta reprovável e tão presente em nosso cenário político atual. Este mal reportado por nosso pensador transmuda-se ao bem, pois se trata de medidas necessárias para que o

governante alcance por meio destes a estabilidade, autonomia e liberdade do Estado e seus cidadãos. O mal de Maquiavel é na verdade um bem que atua de forma enérgica em prol do bem estar do Estado e conseqüentemente coletivo. Assim como um pai repreende a um filho de forma enérgica em prol da família e dele mesmo o governante tem a mesma prerrogativa de ser enérgico em defesa da grande família o Estado.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi mencionado fica evidente a importância de Nicolau Maquiavel para a formação do pensamento político moderno, assim como o desenvolvimento da política em ciência. Maquiavel foi idealizador do Estado autônomo, o qual constituiu a Teoria do Estado Absoluto. “*O Príncipe*” foi desenvolvido mediante ponderações e análises feitas por Maquiavel a partir de eventos políticos tanto anteriores a sua época, quanto de eventos comuns ao seu cotidiano. Maquiavel ao escrever “*O Príncipe*” tinha o intuito de guiar o governante e alertá-lo sobre as armadilhas da selva política, e a partir de seus estudos Maquiavel chegou ao desfecho de que um bom governante deveria ter *virtù* para poder lidar com a *fortuna* e assim fazer um bom governo.

Um ponto importante que pôde ser percebido no decorrer de sua obra são os exemplos históricos. Maquiavel fundamenta a sua teoria na história dos grandes homens e dos grandes feitos do passado, afirma que um príncipe deve não ignorar os acontecimentos do passado assim como seguir os passos desses homens poderosos, que alguma coisa sempre se aproveita, e que muito temos a aprender com a história e seus líderes. O filósofo italiano analisa a política como forma de poder, e o poder como resultante da atuação política.

Podemos entender que em sua obra Maquiavel nos leva o ensinamento de que todos devem observar os acontecimentos ao longo da História e que façamos uma análise crítica histórica filosófica com a intenção de que povo e governo, formem uma unidade fundindo-se dentro de uma cooperação mútua, e se incubam da responsabilidade de buscarem, mesmo envoltos a condição beligerante o qual faz parte da natureza humana, caminharem juntos de forma incessante em direção ao bem estar coletivo.

Maquiavel não prega a disseminação do mal gratuito, como acredita e é propagado pelo senso comum, o que ele ensina é que esse mal deva ser usado para fazer o bem ao Estado e seu povo. Não podemos afirmar que, as reflexões de Maquiavel tenham contribuído de forma intencional, na construção de uma nova sociedade, mas que foram transformadoras de opiniões, e mesmo tendo sido escrito há cinco séculos, temos presenciado o quanto sua obra é atual, requisitada e adotada por líderes e políticos da atualidade até os dias de hoje. E que ao analisar cuidadosamente seus ensinamentos é possível perceber que ele prega o equilíbrio entre o Estado e o povo. Condenando toda e qualquer forma de rapinagem e corrupção com a que é praticada de forma corriqueira pela maioria dos políticos da atualidade.

## REFERÊNCIAS

- BACCARAT, Samuel. **Capacetes de aço: a guerra no setor norte**. São Paulo: E.G Revista Tribunes, 1932.
- BARROS, Vinícius Soares de Campo. **10 lições sobre Maquiavel**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BIBLIA, sagrada. **Gênesis**. Tradução de João Ferreira Almeida. São Paulo: King Cross Publicações, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GUIMARÃES, Carlos Nunes. **Maquiavel: realismo político e ética republicana**. João Pessoa, 2013.
- HISTÓRIA, do mundo. **Almanaque Abril**, São Paulo, ed. 33, 2007.
- MACHIAVELLI, Nicoló di Bernardo dei. **O Príncipe/Maquiavel**; tradução de Antônio Caruccio Caporale. Porto Alegre: L e PM, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O Príncipe comentado por Napoleão Bonaparte**; tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Política e gestão florentina**; tradução de Renato Ambrosio. São Paulo: FSJ, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Discorsi: Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio**; tradução de Sérgio Bath. Brasília, Editora universidade de Brasília, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O Príncipe**; tradução de Hingo Weber. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- PEREIRA, José Flávio. **Maquiavel: um pensador medieval ou moderno?** Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/4180/2843>> Acesso em: 10/08/2017.